



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 19, n. 11, art. 19, p. 387-406, nov. 2022

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2022.19.11.19>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



MIAR



O Indivíduo Cínico e Ambicioso das Organizações Capitalistas

The Cynical and Ambitious Individual of Capitalist Organizations

Nadir Lara Junior

Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
andrapaulasl@gmail.com

Josmeri do Nascimento

Mestra em Psicologia clínica pela Universidade Federal do Paraná
jnascimento2010@gmail.com

Endereço: Nadir Lara Junior

Asas e Raízes Psicologia e Psicanálise, Consultório e Pesquisa. Rua Francisco Braga, 249, casa 01, Guabirota, 81510190 - Curitiba, PR, Brasil.

Endereço: Josmeri do Nascimento

Asas e Raízes Psicologia e Psicanálise, Consultório e Pesquisa. Rua Francisco Braga, 249, casa 01, Guabirota, 81510190 - Curitiba, PR, Brasil.

Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 06/10/2022. Última versão recebida em 17/10/2022. Aprovado em 18/10/2022.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

O presente artigo visa refletir sobre os desdobramentos e a constituição de uma personalidade cínica e ambiciosa que tem como *locus* as organizações capitalistas. Os autores, mediante uma revisão de literatura, propõem que as organizações se mostram eficazes dentro da lógica do sistema capitalista, devido à centralidade do trabalho na vida do sujeito contemporâneo. Para tanto, levantam a problemática da psicologia que se dispõe como a ciência que fornece os instrumentos a essa forma de relação interpessoal e material. Conclui-se que a despeito da utilização da psicologia no processo de sequestro da subjetividade realizado pelas organizações, faz-se mister que ela cumpra seu papel ético, atuando com responsabilidade social na promoção da desalienação do sujeito pela crítica como instrumento teórico-metodológico.

Palavras-chave: Captura da Subjetividade. Cinismo. Psicologia e Trabalho.

ABSTRACT

The present article aims to reflect on the unfolding and the constitution of a cynical and ambitious personality that has as *locus* the capitalist organizations. The authors, through a literature review, propose that organizations prove to be effective, within the logic of the capitalist system, due to the centrality of work in the life of the contemporary subject. In order to do so, they raise the problem of psychology that is available as the science that provides the instruments to this form of interpersonal and material relationship. It is concluded that despite the use of psychology in the process of kidnapping of subjectivity performed by organizations, it is necessary that it fulfills its ethical role by acting with social responsibility in promoting the disalienation of the subject by criticism as a theoretical-methodological instrument.

Keywords: Capture of Subjectivity. Cynicism. Psychology and Work.

1 INTRODUÇÃO

Muitos autores, como David Pavón-Cuellar, Ian Parker, Nikolas Rose, Jan de Vos, para citar alguns deles, defendem que no sistema capitalista neoliberal há o desenvolvimento de uma psicologia. Isso quer dizer que esse sistema não trata somente de uma teoria econômica ou social, mas de um modo de sociabilidade e, conseqüentemente, de uma estruturação de uma subjetividade capitalista.

Esses autores irão descrever que, desde os escritos de Max Weber sobre a ética protestante e o espírito do capitalismo, se começa a perceber o desenvolvimento de um *ethos* e de uma subjetividade que irá historicamente migrando os elementos religiosos para um sistema econômico em desenvolvimento, nesse caso, o capitalismo.

Ian Parker (2007) é um dos críticos dessa psicologia, especialmente em seu livro *Revolution in Psychology*, em que demonstra criteriosamente como esse discurso psicologizante está sendo apropriado, não somente pela comunidade científica, mas pela sociedade em geral que integra esse discurso no cotidiano das pessoas. Essa integração se faz notar na escola, por meio da aplicação de psicodiagnósticos que estigmatizam as crianças, ou no âmbito da saúde mental, em que esses psicodiagnósticos contribuem para a exclusão do “louco”. Diante disso, na opinião desse autor, essa apropriação não serve para melhorar as condições de vida das pessoas, especialmente dos trabalhadores, mas serve como forma de controle social.

Nesse sentido, Ian Parker (2007) demonstra ainda que essa “popularização” da psicologia serve para reproduzir uma lógica capitalista em que o sujeito é tomado como objeto, pois todo o aparato científico serve para selecionar os aptos e os inaptos; superdotados e os infradotados; selecionar o trabalhador certo para a vaga certa etc. Muitas vezes, os psicólogos não se valem de uma crítica epistemológica na qual, de fato, haja considerações acerca de questões éticas e políticas na produção de conhecimento.

No que tange ao estudo das organizações, esse modelo de psicologia positivista e alinhada ao capitalismo, rapidamente, é absorvido pelos modos de produção para fazer uma espécie de colonização da subjetividade do trabalhador, a fim de controlá-lo e, conseqüentemente, de obter mais lucro (PARKER, 2018).

Portanto, para implementar políticas de administração, os industriários precisavam de uma área do conhecimento com *status* de ciência; que tivesse como princípio o controle de comportamentos e que se dissesse isenta de qualquer ideologia social, política e econômica. Nesse contexto, a psicologia se mostrou como a ferramenta eficaz para administrar e gerir os

corpos e mentes dos operários para que se aumentasse a produtividade e os lucros e, nessa lógica, se mantém nas organizações contemporâneas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Psicologia e sua insistência na adaptação do indivíduo ao meio

Lacan rejeitou veementemente o uso da psicologia para oferecer dados empíricos em relação à eficácia do tratamento, pois afirmava categoricamente que muitos psicanalistas da IPA (International Psychoanalysis Association) estavam “psicologizando” a psicanálise e assim tornando-a um apêndice do capitalismo estadunidense. Baseado em Lacan, Ian Parker (2009) afirma, a saber:

(...) o significante “psicologia” representa o que há de pior em relação à adaptação dos indivíduos a cultura norte-americana, um propósito relutantemente aceito e posteriormente alardeado de maneira entusiasta por seus oponentes na IPA. A aversão de Lacan por esses praticantes de ortopedia que psicologizam a teoria psicanalítica (PARKER, 2009, p.83).

Nesse sentido, para Lacan, a psicologia contemporânea tornou-se como um credo de tolices que propõe uma concepção de ser humano com uma consciência progressiva que sustenta certo desenvolvimento natural de si mesmo, gerando conformismo, deixando cada vez mais esse indivíduo numa situação de impotência diante de seu próprio desejo e assim entregue aos domínios do sistema capitalista e seus tentáculos de dominação dos corpos e mentes, em função da produção de mais-valia. Sabendo disso, o sistema capitalista usa da psicologia para alienar a pessoa de suas relações consigo mesma e para desmobilizar os trabalhadores de suas lutas políticas (PARKER, 2007; LARA JUNIOR; RIBEIRO, 2009).

Dessa maneira, Parker (2007) nos diz que a psicologia oferece um suporte ideológico para desenvolver a exploração e a sabotagem das lutas contra a opressão e, assim, se torna um instrumento importante na sociedade capitalista para manter o controle da classe trabalhadora. Nessa perspectiva, a

Psicologização se torna uma parte profundamente enraizada na vida sob o capitalismo e agora não somente os psicólogos culpam os indivíduos e os tratam como aqueles que são “defensivos” quando o racismo e o sexismo são mobilizados. Ataques a imigrantes, por exemplo, acompanham um debate racional político que as pessoas de classe média podem apresentar a si mesmas como sendo algo psicologicamente mental, atencioso e emocionalmente letrado. Ao mesmo tempo, há uma outra “psicologia” que é suposta para pertencer a multidão da classe trabalhadora incitada. Por isso a função da psicologização é expressar por meio da violência racista o papel do estado como o mecanismo econômico-político que defende a “nação” contra os estrangeiros, nesse caso a psicologia funciona como

uma ideologia capaz de, presunçosamente, confirmar diversas vezes que há alguma coisa errada com a natureza humana, (PARKER, 2007, p. 5-6).

Assim sendo, ao tomar a psicologia como ciência, sem se amparar na crítica, corre-se o risco de aparelhar a sociedade capitalista que, como nos alerta Karl Marx, sobrevive do lucro e da mais-valia. Nesse sentido, Lacan (1969-1970/1992) acrescenta que essa sociedade também produz um tipo de gozo espúrio chamado mais-de-gozar, como uma homologia ao conceito de mais-valia de Marx, ou seja, quanto mais o trabalhador trabalha oprimido e explorado dentro da lógica capitalista, mais se produz uma forma de sofrimento físico e mental que o impede de romper com as amarras desse tipo de dominação hostil.

Nesse contexto, o indivíduo cínico e ambicioso desenvolve uma subjetividade elástica, adaptável, favorecida pelo raciocínio superficial que o possibilita galgar os mais altos cargos em uma organização capitalista. Entretanto, tal ascensão exige desse indivíduo uma dedicação cada vez mais abnegada às organizações capitalistas por meio de longas jornadas de trabalho; afastamento de sua família e amigos; longos períodos de viagens e distanciamento dos filhos e cônjuge; mudanças de cidades, estados, países.

Desta feita, quando esse indivíduo se dedica dessa forma abnegada ao trabalho, o “efeito colateral”, muitas vezes, é o aparecimento de alguma patologia em seu corpo e/ou mente (depressão; ansiedade; síndrome de *burnout*¹; enfarte; acidente vascular cerebral etc.). Assim sendo, ao invés de questionar a lógica do sistema capitalista que o está consumindo, ele passa a tratar o próprio corpo como um inimigo, uma limitação que deve ser superada com medicações, drogas ilícitas e algum tipo de tratamento psicológico que o recoloca imediatamente na ciranda da produção de lucro.

Diante disso, podemos pensar que, em última instância, a psicologização produzida por esse modelo de ciência serve para validar uma subjetividade cínica e ambiciosa como um referente identificatório para o trabalhador. A psicologização da subjetividade, portanto, oferece um discurso ao trabalhador no qual diz que ele não precisa se questionar sobre suas escolhas e sobre as consequências éticas e políticas de suas ações. Basta reproduzir o *status quo operandi* de maneira cínica e ambiciosa e receberá em troca o gozo decorrente da extração da mais-valia e mais-de-gozar, por meio do seu emprego ou gestão de empresas.

¹ Distúrbio psíquico descrito em 1974 pelo médico americano, Dr. Freudenberger. O transtorno está registrado no Grupo V da CID-10 (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde).

2.2 O capitalismo e a identificação nas organizações

No passado cabia ao indivíduo produzir o que fosse necessário ao seu consumo, seja em vestimenta, alimentação ou moradia, entretanto, segundo Enriquez (2014), o trabalho torna-se o elemento que diferencia o indivíduo do animal, posto que, para além da garantia de sua subsistência, o trabalho lhe possibilita a transformação de seu meio libertando-o das ações da natureza, constituindo não somente característica própria da espécie humana, mas sua própria essência:

Desde que Marx (1846) declarou que o elemento diferencial entre o animal e o homem era que este era capaz de "produzir suas condições de existência", de transformar o mundo, e assim não mais se submeter aos puros acasos da natureza, o trabalho é considerado, tanto por marxistas quanto por não marxistas, não só como uma característica importante da espécie humana, mas como a essência do homem (ENRIQUEZ, 2014, p. 163).

Sabemos que a relação do indivíduo com o trabalho é uma construção histórica, esse por sua vez, passa a fazer parte da subjetividade do ser humano na medida em que oferece a ele um lugar no mundo, funcionando como um intermediário no processo de reconhecimento social e no pagamento pelos esforços depreendidos. No capitalismo, principalmente, o trabalho se estabelece como laço social, porque, segundo Sennett (2001) e Gorz (2007), o capitalismo passa a organizar a vida das pessoas. Organiza seu cotidiano, administra e adentra os corpos para o trabalho como também passa a se oferecer às pessoas como um referencial identificatório para que elas possam se organizar do ponto de vista subjetivo.

A cultura organizacional de uma empresa, por exemplo, passa a ser entendida não somente como um conjunto de normas e regras que devem ser seguidas pelos funcionários, mas justamente como um conjunto simbólico no qual eles são obrigados a “jurar” identificação. Nesse caso, cabe a conhecida expressão: “Vestir a camisa da empresa”, ou seja, literalmente incorporar a empresa. Salientamos aqui identificação como um conceito psicanalítico que significa tomar o objeto como parte de si mesmo. “A psicanálise conhece a identificação como a mais prematura exteriorização de uma ligação afetiva com outra pessoa” (FREUD, 1921/1993, p.99).

No processo identificatório o objeto é posto no lugar do eu e do ideal de eu. Quando isso ocorre, a consequência é a submissão humilhada, obediência cega e a falta de crítica em relação ao objeto. Quando o lugar do objeto é ocupado por uma pessoa, no caso o líder, esse se torna o objeto único dos indivíduos das massas que buscam através desse a plena satisfação

de seus instintos. Essa aspiração sexual inibida faz criar laços entre os seres humanos, portanto, qualquer promessa de satisfação plena desses instintos é vista pelos indivíduos como a possibilidade de gozo (FREUD, 1921/1993).

As organizações criam, portanto, uma cultura organizacional que podemos entender como uma série de elementos permeados por símbolos, ritos, crenças, discursos, relações de poder etc.; o trabalhador deve, portanto, se identificar com a cultura para se tornar parte daquele grupo. No entanto, o que se omite nesse processo é o engodo (LARA JUNIOR, 2018a) de que uma organização no sistema capitalista, segundo Faria (2017), é uma unidade de produção capitalista sob o domínio do capital, ou seja, tem por finalidade arrancar mais-valia por meio do trabalho e, conseqüentemente, exige uma subserviência por parte de todos os que estão postos na relação de trabalho.

Ao refletirmos sobre todas as exigências estabelecidas para a contratação de um funcionário para uma organização na atual sociedade, observamos que vários quesitos do candidato à vaga são avaliados, desde o seu leque de formações (conhecimento) a características e traços de personalidade, valores morais, habilidades e uma série de categorias, a fim de metricamente delinear a pessoa perfeita para o cargo a ser exercido. A psicologia organizacional, principalmente, é convocada para esse fim. O resultado, na maioria desses casos, é uma indução do indivíduo a uma condição de infantilização por meio da captação psíquica, feita por meio de várias estratégias sutis. Tal captação é denominada por Faria e Meneguetti (2007) como o “Sequestro da Subjetividade”.

Nessa perspectiva, seguindo a reflexão de Faria e Meneguetti (2007), torna-se impossível para esse indivíduo evitar o processo de infantilização e alienação, considerando que seu perfil foi escolhido justamente por apresentar traços que indiquem sua adaptabilidade. Nesse sentido, os autores nos chamam a atenção para três elementos que concorrem para a consolidação do processo de infantilização/alienação: subjetividade, contexto social e a ideologia.

O primeiro elemento diz respeito ao próprio indivíduo desprovido do completo controle de sua subjetividade: “não há indivíduo que possua total compreensão de suas manifestações emocionais e mesmo racionais” (FARIA; MENEGUETTI, 2007, p.3). Sabemos que a subjetividade não é puramente racional, mas constituída de componentes inconscientes, inscrita em uma “cadeia de significações imperceptíveis (ou seja, reprimidas) para o indivíduo ou para a organização à qual pertence” (VOLNOVICH, 1996, p.61). O desconhecimento sobre si mesmo, coloca o indivíduo mais à mercê do engodo capitalista (LARA JUNIOR, 2018a).

O segundo elemento refere-se ao contexto social por meio do qual circulam componentes afetivos e pelos quais se estabelecem os vínculos. O contexto social, os vínculos grupais e os afetos envolvidos se constituem de grande importância para o sujeito no tocante ao seu processo identificatório e de reconhecimento. Para ser reconhecido socialmente, esse indivíduo estabelece padrões de conduta abrindo mão da autonomia em favor do coletivo, uma “doação forçada” valorizada e reproduzida pela ideologia. A ideologia organizacional, portanto, configura-se em um terceiro elemento fundamental no processo de alienação na medida em que consiste em um poder condicionado² exercido pela mudança de uma crença ou convicção.

Assim sendo, esse indivíduo vive um sequestro diário de sua subjetividade, acaçapado, gradativo, tanto de sua percepção quanto de sua elaboração subjetiva, resultando na privação imperceptível de sua liberdade, da sua apropriação da realidade, da sua capacidade de elaborar, organizar e sistematizar seu próprio saber, submetendo-se a saberes e valores produzidos e alimentados pela organização.

Um exemplo de estratégia velada de sequestro da subjetividade seria a utilização, cada vez maior, da terceirização dos serviços de psicologia em vários níveis do processo organizacional, levando a um apaziguamento do nível de angústia dos indivíduos envolvidos na organização, funcionando, em muitos casos, como uma defesa para que esses indivíduos não se deparem com o sintoma coletivo.

A organização busca no mercado, por meio dos serviços da psicologia, o colaborador que queira “crescer na empresa”, um ambicioso que invista sua vida de forma aguerrida e resiliente: um ser abnegado pela empresa. Podemos constatar que usualmente a psicologia nessas organizações se incumbem de administrar os corpos e mentes para que eles produzam mais em menos tempo; coloquem a pessoa certa no lugar certo; ajudem o funcionário a não reclamar das agruras da faina diária e, para isso, a psicologia se investe de um grau de cientificidade necessário para dar legitimidade ao processo exploratório a que todos estão submetidos nas organizações capitalistas.

Para tanto, essa psicologia cria determinados perfis esperados para ocupar os mais diversos cargos dentro dessas organizações formais no sistema capitalista. A resposta dos *headhunters* (tradução literal em português “caçadores de cabeças” e numa tradução livre Caçador de talentos) e *coachs* (em português, “treinadores”) é propor um indivíduo adaptado às exigências das organizações para ocupar os diversos cargos dentro delas.

² Poder condicionado é um conceito desenvolvido por Galbraith (1999) que ocorre por meio da persuasão, da educação ou da cultura em GALBRAITH, John Kenneth. *Anatomia do poder*. 4ª. São Paulo: Pioneira, 1999.

Nesse sentido, Parker (2018) previne quanto aos aspectos negativos da adaptação e da gestão moderna na ordem social. Ao referir-se à adaptação situa a advertência lacaniana contra a “normatização moralizante” na qual o sujeito se vê engajado, uniforme em relação às normas morais vigentes com as quais se identifica. Para além da identificação ao “aparente bom mundo” das organizações, o que se revela em um plano mais profundo é a identificação a “um mundo em que o sujeito se concebe recluso em um reino privado e organizado, um mundo mal, no qual só se pode aspirar à sobrevivência” (PARKER, 2018, p. 126).

É preciso desconfiar de uma unidade propalada e aspirada pela organização, pois assim se constrói uma sociedade de massas, como Freud (1921/1993) nos alerta. Segundo uma visão psicanalítica lacaniana, o desejo não busca uma harmonia pré-formada. Tão importante quanto a questão de “recusa à castração do Outro” é o ponto que Lacan chama de “servidão do seu domínio” na qual a obsessão é pelo indivíduo mais obediente e adaptado ao capitalismo no qual o próprio desejo se constitui uma defesa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 A subjetividade cínica e ambiciosa para a organização

O dicionário Michaelis (1998) propõe dois sentidos para a palavra ambição. O primeiro diz que ambição é um “Desejo intenso de riqueza, poder, glória ou honras; avidez, cobiça”. Há certo tempo, por influência religiosa, poderíamos pensar que se tornar uma pessoa ambiciosa fosse algo da ordem do pecado capital da avareza, por remeter a um sentido de se desejar riqueza e cobiça. Todavia, em tempos de capitalismo, ter ambição se torna uma virtude digna de ser adotada no mercado de trabalho e assim garantir os melhores postos e salários.

Desta feita, citamos um texto de Carlos Hilsdorf (2012), postado em site de uma das mais importantes empresas de empregos do Brasil, sobre as vantagens de ser uma pessoa ambiciosa. O autor, entretanto, tenta diferenciar ambição de ganância³ e aproxima a ambição da ética. Para isso, demonstra sete vantagens da ambição no mercado de trabalho e citamos aqui a sétima, a saber: “Ambiciosos são frequentemente convidados para novos projetos e para assumir cargos mais altos na hierarquia”

³ Também há testes para o leitor fazer para saber se é uma pessoa ambiciosa como podemos verificar no artigo da revista Época: <https://epoca.globo.com/vida/vida-util/carreira/noticia/2013/09/voce-tem-bambicaob-na-vida-profissional-faca-o-btesteb.html>

Nesse sentido, podemos pensar que o autor tenta aproximar o sentido de ambição da sua segunda significação do dicionário: “Desejo de atingir um objetivo específico; anseio, aspiração, determinação, pretensão”. Diante disso, caberia a pergunta: qual seria a pretensão de um capitalista?

Obviamente a aparente positividade do sentido da ambição encanta, no entanto, no contexto do capitalismo cabe a certeza de que essa funciona em suas duas possibilidades para a extração de mais-valia à custa do trabalhador, e cabe ao indivíduo ambicioso continuar essa prerrogativa. Nesse ponto surgem as mais diversas psicologias⁴ para lhe dar a certeza de que essa ambição é necessária e que para isso não é preciso se preocupar com as consequências de seus atos e assim adaptar-se rapidamente às exigências de mercado.

Entretanto, faz-se necessário diferenciar o cínico, produto do sistema capitalista, do sujeito cínico filosófico e, para tanto, nos valeremos da teoria psicanalítica lacaniana, para efetuar uma leitura diferencial.

O cínico proveniente do sistema capitalista não quer saber da diferença por um duplo movimento de negação. O primeiro movimento refere-se à rejeição, por parte do sujeito, a castração, a diferença, a falta e a incompletude. Lara Junior (2018b) menciona o medo do sujeito em relação a assumir a sua incompletude: “Freud e Lacan dizem-nos que o maior medo do sujeito é assumir que é castrado, sujeito faltante, limitado, submetido à lei, regado em seu gozo, incompleto, finito, sujeito às intempéries” (LARA JUNIOR, 2018b, p. 113-114). Como forma de defesa ao afeto ligado a esse estado de incompletude e finitude, o sujeito busca uma maneira de driblar o mal-estar através da alienação a um discurso autoritário:

Para suplantar esse medo, Freud já nos alertava que esse sujeito busca a todo custo criar fantasias para driblar essa situação, seja elegendo um mestre autoritário que lhe proporcione uma suposta sensação de proteção, se alienando a um discurso autoritário para que sua falta não fique em “carne viva” e assim obrigue a curá-lo (LARA JUNIOR, 2018b, p. 114).

Pacheco Filho (2009) indica que se trata de uma alienação que resulta na falência da crítica, uma ausência de resistência, dando origem a uma ideologia refratária que não pode ser desmascarada justamente pela impossibilidade de reconhecimento dessa alienação. Como diz o autor:

O que mais me assusta no sujeito do capitalismo é, ao contrário (do narcisismo), a progressão da disposição (e da ausência de resistência) que ele apresenta para se

⁴MeiryKamia, e a coordenadora em transição de carreira da Right Management, Telma Guido, (2013), descrevem os seis erros dos profissionais ambiciosos, comportamentos que revelam quando a ambição ocupa um lugar da vilania no ambiente de trabalho e estabelecem uma relação entre o excesso de ambição com a criação de uma “falsa autoimagem de perfeição”, um fantasma que toma forma.

entregar à alienação do “discurso do capitalista”: a aceleração de sua tendência totalitária a essa alienação do laço social (PACHECO FILHO, 2009, p.159).

Assim, sendo a alienação seguida da impossibilidade de seu reconhecimento configura-se em um duplo movimento de negação. De acordo com Žižek: “Este cinismo é, portanto, uma espécie de “negação da negação” (ŽIŽEK, 2003, p.346). O resultado é o discurso em forma de defesa. “O cínico não rebate um argumento com outro, mas, antes, desautoriza o argumento colocado, transformando-o em sua arma” (SILVA; BEER, 2011, p.90).

O sujeito cínico oriundo da filosofia funciona enquanto crítico social. Esse cínico mantém uma posição de elevar a transgressão à categoria de um princípio ético. Mais do que uma transgressão, o cinismo filosófico revela um “atravessamento da Lei”, no qual o cínico se coloca como sujeito responsável por sua instituição, arcando com as consequências decorrentes de seus posicionamentos, não preexiste ao seu discurso, mas se produz com ele. Esse sujeito cínico estabelece sua diferença e distanciamento do cinismo de massa apontado por Sloterdijk (2012) por estabelecer laços sociais, e manter o convívio com a *polis*, constatando a inconsistência (não a inexistência) desse Outro⁵ bem como de todos aqueles que ambicionam ou supõem habitar esse lugar, desvelando-o através do seu discurso. Esse sujeito filosoficamente cínico não se deixa ordenar por nenhum pacto social. Frente aos saberes instituídos, ele provoca, desloca, inverte, choca, contradiz.

Então, qual seria a tipologia do cínico ambicioso? Ansioso e depressivo, abnegado e dedicado fielmente à empresa, mesmo sabendo que sua subjetividade está sendo sequestrada por ela. Diante disso, para se manter ambicioso em seus objetivos, faz-se mister desenvolver-se como um cínico, aquele que se mostra medíocre. “Ele é o tipo vulgar – não só porque a civilização industrial avançada produz o solitário amargurado como fenômeno de massa” (SLOTERDIJK, 2012, p. 32), mas por ser um indivíduo apto ao trabalho que se dissolve na multidão, não chama para si as responsabilidades de seus atos, mas se mostra difuso e confuso na multidão, dando-nos a entender, um subproduto do modo de produção capitalista contemporâneo. Ser capaz de fazer qualquer ação ou sacrifício justificando que se ele não fizesse outros o fariam.

Sloterdijk (2012) nos dirá de um cinismo integrado à sociedade e especialmente ao sistema capitalista no qual a tolice e o raciocínio superficial e sem consequências conseguem levar esse trabalhador aos mais altos cargos dentro de uma organização. Não conseguem

⁵ Segundo Dunker (2016) o Outro é um lugar que não se identifica com o semelhante, com o mesmo, com o idêntico, o Outro é o princípio da alteridade radical.

medir causas e consequências além da obtenção de lucro; não medem consequências ecológicas do lançamento de resíduos tóxicos em rios e florestas; não se importam em defender o declínio da liberdade tanto na organização, quanto na sociedade, pois se o lucro for imediato e sorrateiro é o que importa. Infeliz, melancólico, depressivo e ambicioso, características psicológicas necessárias para o cínico moderno.

Psicologicamente, o cínico do presente deixa-se compreender como um caso limite de melancolia, que mantém seus sintomas depressivos sob controle e, em certa medida, pode permanecer apto para o trabalho. Sim, é isso que importa ao cinismo moderno: a capacidade de trabalho de seus representantes – apesar de tudo, e mesmo depois de tudo (SLOTTERDIJK, 2012, p. 33).

Portanto, com uma subjetividade elástica capaz de tomar qualquer atitude e orgulhar-se de sua subserviência; abandona a lógica de qualquer tipo de consciência esclarecida, pois, em última instância, acha que não tem nada a perder e, se não ganhar algo, mesmo assim fica no lucro. Nesse caso, os valores culturais lhe reforçam a ideia de que o melhor é manter-se sem crítica em um estado de anomia porque, de alguma forma, mantém-lhe esse estado de vida.

3.2 Subjetividade cínica e ambiciosa: o fantasma na organização

Desse modo, nessa sociedade da insatisfação administrada, ocorre o que Safatle (2005) chamou de identificação irônica na qual não há referências identificatórias para o sujeito, com isso, o Supereu, nesse contexto, ganha outras configurações em que há uma desvinculação entre imperativo de gozo e conteúdos normativos privilegiados. Nessa lógica, a ideologia do capitalismo pode se colocar no mercado com qualquer discurso e valor e o próprio sujeito encontra condições para adotar qualquer discurso ou *persona*, caindo assim em um jogo de máscaras e aparências.

Nessa lógica de um Supereu de gozo, surge o sintoma do indivíduo cínico e ambicioso: depressivo, ansioso, tétrico e mórbido. Ambas as psicopatologias colocam em cena a incapacidade dessa pessoa em sustentar sua escolha pelo objeto, pois

Onde uma escolha de objeto não pode se estruturar, é a própria imagem de si que se desfaz. Desta forma, ansiedade e depressão podem ser vistas como sintomas diretamente resultantes da introjeção de um Supereu que ordena uma injunção de gozo tão forte e incondicional que toda tentativa de realização efetiva será necessariamente um fracasso. Assim, se o sentimento de culpa apareceria como resultado direto do Supereu repressivo que impedia o gozo, depressão e ansiedade

podem aparecer como resultado desta nova configuração do Supereu que exige gozo incondicional (SAFATLE, 2005, p. 133-4).

Nesse sentido, ao lado da depressão, morbidez e da ansiedade, como a tentativa de sustentar um mundo sem culpa, surge o cinismo como:

A posição subjetiva que é capaz de sustentar identificações socialmente disponibilizadas, ao mesmo tempo em que ironiza, de forma absoluta, toda e qualquer forma de determinação, ela nega reflexivamente aquilo ao qual ela se vincula, criando aparências postas como aparências (SAFATLE, 2005, p.134)

O cinismo, portanto, se configura como a “Lei sob a figura de um Supereu que exige que as condutas sejam pautadas a partir da lógica do gozo puro” (SAFATLE, 2005, p.134). Nessa lógica, todo conflito é suspenso, para que assim, independentemente de qualquer normativo universal, o que impera é o apelo ao gozo irrestrito, sem considerar qualquer outra referência posta pelos processos de socialização.

Para justificar essas preferências, sempre há uma racionalização com argumentos supostamente lógicos que fundamentam as formas de agir, pois a sociedade já forneceu discursos e instituições socializadoras que permitem que essa ação cínica aconteça sem repressão e assim passe a ser hegemônica e, portanto, referencial para indivíduos “bem-sucedidos” no capitalismo. Dessa forma, eles podem demitir uma série de funcionários da organização sem o menor sinal de culpa, responsabilidade ou questionamento. Tudo está dado como certo.

Safatle (2005) diz que o sujeito neurótico é incapaz de assumir seus fantasmas, pois esses trazem consigo no Supereu a censura, recalçamento e denegação. No entanto, com o Supereu de gozo, ele é constantemente convocado a assumir seus fantasmas e a sociedade cria um cenário em que esses fantasmas aparecem despidos de qualquer censura, são mostrados como *chiques* ou *fashion* (ex. sadomasoquismo, perversões etc.) passando assim a assumir um caráter central no processo socializador: “A assunção do fantasma é cada vez mais a forma de reconhecimento entre sujeitos. No interior da sociedade de consumo, os sujeitos se reconhecem hoje através da socialização de seus fantasmas” (SAFATLE, 2005, p.135).

Com essa lógica de colocar o fantasma no processo socializador, a fantasia será a tela criada pelo sujeito para delinear o que está acontecendo com ele. Como esse sujeito é de linguagem, usa-se desse recurso para contar que aquele espectro que o assombra se transborda na narrativa fantasística, como no caso Dora, Homem dos ratos etc. Nesse sentido, ao se referir ao mal-estar que o assola, mas que não consegue dirimir ou superar, a fantasia se torna

o recurso usado pelo sujeito para lidar com isso que causa sofrimento, assim, a fantasia permite que a tela seja pintada, que o cenário de gozo neurótico seja montado.

A propósito desses casos, deve também ficar claro que a identificação com o sintoma tem como correlato o atravessamento do fantasma: por meio de uma identificação desse tipo com o sintoma (social), atravessamos e subvertemos o marco fantasmático que determina o campo do sentido social, a autocompreensão ideológica de uma sociedade dada, ou seja, o marco dentro do qual precisamente o sintoma aparece como uma intrusão alheia, perturbadora e não como ponto de irrupção da verdade da ordem social existente, de outra maneira oculta (ŽIŽEK, 2010, p. 230).

Portanto, pensamos que o cinismo e a ambição se conjugam como forma que o indivíduo permeado por uma subjetividade capitalista encontra para fazer seus fantasmas tomarem forma na sociedade e a maneira que encontram para isso é construir organizações capazes de ser o cenário necessário para que o espectro encontre seu lugar de assombro. Como na obra “O fantasma da ópera” de Gaston Leroux (2002), a ópera de Paris era o lugar onde o fantasma aparecia e mostrava sua forma espectral. Por que ele não se mostrava em outro lugar de Paris? Por que a ópera? Supostamente, porque parte importante da sua vida se deu na ópera, como seu amor a Christine e sua predileção pela arte. Por que o cínico ambicioso escolhe as organizações para atuar, especialmente as empresas?

O filme “O Diabo Veste Prada” (2006) pode nos oferecer algumas pistas sobre a prevalência das empresas para a atuação do cínico. Andrea Sachs, Andy (a personagem de Anne Hathaway), talentosa e jovem jornalista, é admitida na maior revista de moda do país, a Runway, trabalhando com a chefe Miranda Presley (Meryl Streep).

Conhecida por seu temperamento hostil, Miranda é renomada no mundo da moda e das celebridades, focada, eficiente, tem o nome da própria revista a seu favor. Todos encarnam o fantasma ao tratar Miranda como o pai tirânico; dessa maneira, cabe a cada um a tarefa de policiar e exigir dos outros colegas um além da perfeição no trabalho, uma incondicional disponibilidade às solicitações mais absurdas, a qualquer momento do dia ou da noite, sem dias de descanso. Nessa condição, um mundo sem culpa é legalizado. A única culpa aceita na empresa é a de que se não há ascensão é porque não se deu tudo de si, sempre há algo mais a doar.

Andy, vivendo em um mundo cujos valores e conceitos eram totalmente alheios aos seus, passa a agir gradualmente conforme os preceitos e modelos que tanto desaprovava, buscando a conquista de seu espaço, a aceitação e o reconhecimento por parte de sua superiora e de seus colegas de trabalho. Seu objetivo inicial é permanecer na empresa durante

um ano até encontrar um trabalho mais interessante como repórter em algum jornal. Para isso, planeja suportar o comportamento arrogante da ambiciosa Miranda.

Entretanto, com o tempo, assume os padrões de moda e comportamento da empresa na qual trabalha. Incorpora os padrões de resposta necessários de forma a cair nas graças de sua chefe. A personagem, inicialmente indiferente ao sistema capitalista, passa a ser guiada por padrões de moda e consumo. Durante o filme, a personagem cai em contradições, depara-se com conflitos na esfera pessoal e profissional, preterindo amigos, família e namorado, desestruturando vínculos sociais. Apesar dos insistentes apontamentos daqueles que estão à sua volta, nega que esteja se transformando naquilo ao que se vincula, afirmando que são somente aparências.

Por outro lado, a personagem Miranda Priestly, chefe de Andy, apresenta comportamento autoritário, em busca da manutenção de seu prestígio, poder e principalmente da imagem de chefe perfeita, detalhista, dedicada e bem-sucedida. Entretanto, essa posição da qual extrai o gozo lhe impossibilita a convivência com suas filhas. Como forma de compensação, Miranda cede aos pedidos mais absurdos de suas filhas, e está aqui em posição invertida, vivenciando angústias similares às de Andy. Paga um preço alto pelo seu sintoma e não escapa de uma separação conjugal. É interessante observar que os padrões, formas de vida, de sofrimentos que acoçam Miranda são repetidos na vida de Andy; nessa lógica, Miranda, em seu contexto familiar, vive os sofrimentos de Andy.

Boni (2019) afirma que “O colonizado interioriza necessariamente a instância dominadora, atribuindo-lhe uma certa *imago*” (BONI, 2019, p. 43). Ocorre em Andy uma identificação com o sintoma de Miranda e, sem que ela saiba, Miranda vive em casa, como Andy, uma situação despótica produzida por suas filhas. Miranda não se deixa capitular em função de seu sentimento de culpa e de sua imagem de imperfeição como mãe e como esposa, mas sustenta sua posição cínica e ambiciosa na organização, local onde pode se mostrar como espectro.

O conflito na vida de Andy inicialmente é suspenso, não há culpa por deixar seu sonho de lado, assim como seus amores. A racionalização dos motivos através de argumentos lógicos fornecidos pela própria sociedade é reverberada nessa microssociedade, a empresa, na qual o “ser bem-sucedido” vem acompanhado de toda a imaginarização de uma vida ideal e justifica todo tipo de sacrifício.

Vemos claramente a reprodução da vivência do drama edípico, uma situação transferencial, neste cenário empresarial. Segundo Mannoni *apud* Boni (2019), há uma relação intersubjetiva entre colonizador e colonizado e um “complexo de dependência” por

parte desse último, através do qual “faria da dependência propriamente dita uma solução contra a angústia de castração” (BONI, 2019, p. 48), situação traumática, fantasmática e de sedução. A incapacidade de sustentação do desejo do neurótico e a insuportabilidade da constatação da sua incompletude permitem e possibilitam seu enlaçamento em ideais obscuros, mórbidos e tetricos, em identificações imprecisas e parciais, e qualquer outro discurso que não o seu pode ser assumido, qualquer máscara pode ser utilizada. Do que o neurótico não se apercebe, ou do que ele não quer saber, é que a máscara começa a fazer parte de sua carne.

Temos aí a ideia de pluridimensionalidade da “situação colonial”, segundo Mannoni, na qual o nível (inter)subjetivo e imaginário une-se a um nível conjuntural-político. A questão da subjetividade, tanto do colonizador como do colonizado, perpassa condições objetivas históricas, entretanto, a atitude do sujeito, a sua tomada de posição em relação a tais condições, define seu destino.

E é nesse ponto que muitos permanecem, no ponto de identificação sem a “autocompreensão ideológica” que conduz ao “ponto de irrupção da verdade da ordem social existente” (ŽIŽEK, 2010 *apud* LARA JUNIOR, 2017, p.30), o atravessamento do fantasma. O que possibilita a Andy descolar-se dessa situação é a constatação da incompletude de Miranda ao deparar-se com sua fragilidade emocional. Žižek (2010) defende que:

Da mesma maneira que não existe a autoanálise e a transformação analítica se pode produzir por meio da relação transferencial com a figura externa do analista, faz falta um chefe para fomentar o entusiasmo por uma causa, encabeçar uma transformação radical em posição subjetiva de aqueles que o seguem e “transsubstanciar” sua identidade (ŽIŽEK, 2010, p.122).

Nas empresas pode-se encontrar o cenário, o roteiro e os figurantes os quais desempenharão os papéis necessários para que o cínico ambicioso possa assombrar as pessoas e delas retirar apenas o que lhe interessa: a mais-valia e o mais-de-gozar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O senso comum encara o cínico como um sujeito que afronta as normas sociais e as conveniências morais, comportando-se exclusivamente de acordo com o seu interesse imediato, sem vergonha ou pudor, com sarcasmo e deboche, desconsiderando as regras da sociabilidade. Tendo em vista que o processo de sequestro da subjetividade utilizado pelas organizações visa controlar os comportamentos considerados desviantes ou de risco, encontra

no sujeito cínico e ambicioso uma terra apropriada para desenvolver-se, visto que tal indivíduo não apresenta uma postura de questionamento de suas escolhas, cabendo-lhe somente reproduzir o que o sistema apresenta. Os indivíduos “sabem muito bem que, em sua atividade real, pautam-se por uma ilusão, mas, mesmo assim, continuam a fazê-lo” (ŽIŽEK, 1990, p.63).

Nessa lógica cínica, esse indivíduo não consegue se lançar a nenhum tipo de sarcasmo ou ironia ao modo de vida que construiu. Apenas vive, dia após dia, com um estado de consciência que o garante nessa posição, cuja maior honra é ter um emprego e ganhar um salário. Gaba-se dessa façanha, incorpora a seu sobrenome o nome da empresa a que trabalha e quanto mais “poderosa” for a marca da empresa mais ostenta seu sucesso, mesmo sabendo que em seu ambiente de trabalho é explorado e sua saúde já não é das melhores.

Para manter-se nessa posição cínica, insiste em rechaçar qualquer tipo de esclarecimento da razão, então, passa a odiar as diferenças: pobre; homossexual; mulher; negro; índio etc. mesmo que muitos desses cínicos ambiciosos sejam, por exemplo, um homossexual, ele se torna homofóbico. O que pode, aparentemente, ser um contrassenso, no entanto, nesse tipo de racionalidade é uma possibilidade; pois não requer nenhum tipo de sofisticação de uma lógica filosófica ou política. Seu raciocínio é desencarnado e expressa apenas sua pulsão morte. Em termos políticos, podemos perceber na sociedade brasileira que esse tipo de subjetividade cínica e ambiciosa se identifica com discursos autoritários que pregam homofobia; ditadura; sexismo; violências físicas e psicológicas. Um ser mórbido que goza com o tétrico e o mórbido da espécie humana.

Se a psicologia, seduzida pelo sistema capitalista, colabora nesse processo de sequestro da subjetividade pode, entretanto, desempenhar um papel relevante ao desvelar o processo de captura do sujeito pelo discurso alienante do capitalismo nas organizações, ao mesmo tempo em que faz refletir sobre a posição passiva assumida por esse mesmo sujeito, ao se colocar em uma condição de consumidor ou de objeto a ser consumido pela organização. Nesse aspecto, se faz mister para a psicologia amparar-se na crítica como instrumento teórico-metodológico, pois essa serve, como nos diz Safatle (2008), para dismantelar formulações discursivas de erros, ilusões, insinceridades e de cinismo. Para Safatle (2008), essa é a ferramenta capaz de ruir essas imprecisões que se estruturam para promover, patrocinar e/ou manter relações opressivas. A função da crítica é desvelar aquilo de que não se quer saber.

REFERÊNCIAS

- BONI, L. **La condición (pos) colonial entre Marxismo y Psicoanálisis:** la Contribución de Octave Mannoni, Teoría y Crítica de la Psicología, San Nicolás de Hidalgo, v.13, p. 41-56, 2019. Disponível em: <http://teocripsi.com/ojs/index.php/TCP/article/view/279>. Acesso em: 10 out. 2018.
- DIABO Veste Prada, O. Direção de David Frankel. **Produção de Wendy Finerman.** EUA/Los Angeles: 20th Century Fox Film Corporation, 2006. 1 DVD (109 min).
- DUNKER, C. O que é o Grande Outro para Lacan? **Falando nisso** 56. (05m34s) 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WUCG06nbbBY>. Acesso em: 10 out. 2018.
- ENRIQUEZ, E. **O trabalho, essência do homem?** O que é o trabalho? Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, São Paulo, v. 17, n. spe. 1, p. 163-176, 2014. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v17ispe1p163-176>.
- FARIA, J. H; MENEGHETTI, F. K. **O Sequestro da Subjetividade.** In: FARIA, José Henrique. (Org.) Análise Crítica das Teorias e Práticas Organizacionais. São Paulo: Atlas, p. 83-111, 2007.
- FREUD, S. In: **Obras completas. Psicología de las masas y análisis del yo.** (V. 18). Buenos Aires: Amorrortu, 1921/1993.
- GORZ, A. **Metamorfoses do Trabalho.** Crítica da Razão Econômica. São Paulo: Anablume, 2007.
- HILSDORF, C. **Ambição e ética.** 2012. Disponível em: <https://www.catho.com.br/carreira-sucesso/colunistas/carlos-hilsdorf/ambicao-e-etica/> Acesso em: 20 ago. 2018.
- KAMIA, M; GUIDO, T. 6 erros dos profissionais ambiciosos (demais). **Revista Exame**, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://exame.com/carreira/5-erros-dos-profissionais-ambiciosos-demais/>. Acesso em: 20 ago. 2018.
- LACAN, J. **O Seminário: Livro XVII. O avesso da Psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1969-1970/1992.
- LARA JUNIOR, N; RIBEIRO, C. T. Intervenções psicossociais em comunidades: contribuições da psicanálise. In: **Revista Psicologia & Sociedade, Florianópolis**, v.21, n.1, p. 91-99, 2009. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822009000100011>
- LARA JUNIOR, N. Narrativas Metodológicas. In: LARA JUNIOR, Nadir. (Org.). **O ato estético-político: uma interpretação psicanalítica.** 1ª Ed. Curitiba: Appris, p. 21-42, 2017.
- LARA JUNIOR, N. A ideologia do capitalismo nos movimentos sociais brasileiros: os “nós-do-governo”. In: **Revista Psicologia USP**, São Paulo, v. 29, n. 2, p 169-178, 2018a. <https://doi.org/10.1590/0103-656420160185>

LARA JUNIOR, N. São demônios os que destroem o poder bravio da humanidade: reflexões sobre a Violência. In: PAVÓN-CUELLAR, David.; LARA JUNIOR, Nadir. (Org.). **Psicanálise e Marxismo: As violências em tempos de capitalismo**. 1ª Ed. Curitiba: Appris, p. 105-120, 2018b.

LEROUX, G. **O fantasma da ópera**. 3ª Ed. 4ª reimpr. São Paulo: Editora Ática, 2002.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

PACHECO FILHO, R. A. A praga do capitalismo e a peste da psicanálise. **A Peste: Revista de psicanálise e sociedade e filosofia**, São Paulo, v.1, n.1. p.143-163, jan./jun., 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/apeste/article/view/2704/1747>. Acesso em: 28 ago. 2018.

PARKER, I. **Revolution in psychology: Alienation to emancipation**. London: Pluto Press, 2007.

PARKER, I. Psicanálise lacaniana e marxismo revolucionário. In: **A Peste: Revista de psicanálise e sociedade e filosofia**, São Paulo, v.1, n.1, p. 79-100, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/apeste/article/view/2701/1744>. Acesso em: 28 ago. 2018.

PARKER, I. Gerência do Corpo para o Trabalho: Obsessão, Organização e Interpretação. In: PAVÓN-CUELLAR, David; LARA JUNIOR, Nadir. (Orgs.). **Psicanálise e Marxismo: As violências em tempos de capitalismo**, p. 121-143. 1ª Ed. Curitiba: Appris, 2018.

SAFATLE, V. P. Depois da Culpabilidade: Figuras do Supereu na Sociedade de Consumo. In: DUNKER, Christian; PRADO, José Luiz Aidar (Orgs.) **Žižek crítico. Política e Psicanálise na Era do Multiculturalismo**. São Paulo: Hucitec, 2005.

SAFATLE, V. P. **Cinismo e Falência da Crítica**. São Paulo: Boitempo, 2008.

SENNETT, Richard. **A Corrosão do Caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, P. J. C; BEER, P. A. C. Sobre o cinismo em um tempo de identificações irônicas. **Trivium**, Rio de Janeiro, v.3, n.1, p. 84-98, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912011000100009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 out. 2018.

SLOTERDIJK, P. **Crítica da Razão Cínica**. Trad.: Marco Casanova, Paulo Soethe, Pedro Costa Rego, Mauricio Mendonça Cardozo, Ricardo Hiendlmayer. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

VOLNOVICH, J. R. Subjetividade e organização: o discurso neoliberal. In: DAVEL, Eduardo; VASCONCELOS, João. (Orgs.). **Recursos Humanos e Subjetividade**, Petrópolis: Vozes, 1996, p. 61-67.

ŽIŽEK, S. **Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

ŽIŽEK, S. ¿Cómo se inventó Marx el síntoma? In: (comp). **Ideología: un mapa de la cuestión**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2003, p. 329-370.

ŽIŽEK, S. De la democracia a la violencia divina. In: BROWN, Wendy. *et al.* (Orgs.) **¿Democracia, en qué estado?** Traducción de Mathew Gajdowsky. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2010, p. 105-124.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

LARA JÚNIOR, N; NASCIMENTO, J. O Indivíduo Cínico e Ambicioso das Organizações Capitalistas. **Rev. FSA**, Teresina, v.19, n. 11, art. 19, p. 387-406, nov. 2022.

Contribuição dos Autores	N. Lara Júnior	J. Nascimento
1) concepção e planejamento.	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X